

Europeus estão mesmo hesitantes

William Waack

Bonn — Os bancos alemães acham que o pacote dos 11 bilhões de dólares para o Brasil ainda não está amarrado e advertem que serão bastante difíceis as negociações para convencer aproximadamente 850 bancos a participar desse empréstimo jumbo. Conversas por telefone com diversos banqueiros alemães, em Frankfurt, revelaram ainda certa hesitação em relação ao Brasil, embora o presidente do poderoso Deutsche Bank, Wilfried Guth, tenha manifestado publicamente seu alívio pelo acordo alcançado no começo da semana em Washington.

— O Jacques de Larosière (diretor-gerente do FMI) praticamente nos deu um ultimato e concedeu algumas horas para os bancos se decidirem em Washington — comentou ontem uma fonte de um dos três grandes bancos alemães. — Quem iria dizer não? Além do mais, ainda não há nada por escrito e decisões só serão tomadas mesmo dentro no Comitê de Assessoramento — prosseguiu.

Solução difícil

Helmut Geiger, diretor do Sparkasse e apenas um dos pequenos credores no Brasil, pode-se dar ao luxo de falar abertamente, o que nunca ocorre com os banqueiros das instituições maiores, sempre preocupados que seus nomes ou os de seus bancos não apareçam de maneira alguma no noticiário da imprensa:

— A solução do problema brasileiro ficou ainda mais difícil. Os bancos vão se conduzir daqui para a frente de maneira ainda mais cautelosa e retraída. A questão para os bancos alemães é saber se o Governo vai ajudá-los ou não a dar novos créditos ao Brasil.

O principal articulador dessa reivindicação é o próprio presidente do Deutsche Bank, Wilfried Guth, que reuniu os jornalistas alemães, em Washington, para comunicar suas preocupações.

— Os bancos alemães são credores de aproximadamente 10% da dívida do Brasil aos bancos privados, isto é, uns 4,5 bilhões de dólares. Com nossa participação no novo pacote elevaremos em 10% o engajamento dos bancos alemães no Brasil, o que está acima da possibilidade de aumentar nas mesmas dimensões o capital próprio. Isto significa sobreregar o capital próprio — disse Guth.

Do lado do Governo, tanto o Ministro da Fazenda, Gerhard Stoltemberg, como o presidente do Bundesbank (banco central), Otto Poehl, voltaram a advertir que dinheiro público não servirá para cobrir os riscos dos bancos nos negócios com o Brasil. Stoltemberg mostrou-se "bastante aliviado" com o pacote de 11 bilhões para o Brasil, mas alertou:

— O Governo alemão daqui para a frente será mais cauteloso ao aconselhar bancos alemães a emprestar para países em desenvolvimento.

Jornalistas alemães que acompanharam o Ministro interpretaram sua frase como resposta às observações, feitas por banqueiros alemães, de que o Governo estava sendo "ingrat". O acordo nuclear entre o Brasil e a Alemanha, dizem os banqueiros, jamais teria saído se não fosse a disposição dos bancos em ajudar os políticos.

O presidente do Bundesbank, Otto Poehl, foi ainda mais longe:

— Os países em desenvolvimento estão errados se pensam que podem contar com os bancos centrais como fonte automática de refinanciamento de suas dívidas, disse. Para Poehl, os bancos centrais não participarão de maneira alguma na concessão de créditos-ponte, com exceção de empréstimos a prazo curíssimo.

O Brasil poderia ter meio bilhão de dólares a mais em créditos a curto prazo (abaixo de 360 dias) se não fosse a atitude reticente dos principais bancos europeus. Esta é a conclusão dos dados entregues há duas semanas pelo Governo brasileiro ao Clube de Paris (que reúne os 16 principais Governos credores do mundo), com uma relação nominal dos bancos que se comprometeram a colocar linhas de crédito comerciais (projeto 3) à disposição do Brasil e os que realmente cumpriram os compromissos.

Bancos europeus

Somente os principais bancos ingleses (em especial o Midland e o Lloyd's) aumentaram consideravelmente o dinheiro a curto prazo à disposição do Brasil. No caso dos principais bancos franceses, suíços, italianos, espanhóis e alemães registrou-se o contrário. O Banco Di Roma, por exemplo, teria prometido ao Banco Central linhas de crédito comerciais de 89,7 milhões de dólares. Na verdade, só 119 mil dólares estavam à disposição no final de agosto.

O Crédit Lyonnais, francês, concedeu 26 milhões de dólares abaixo do esperado pelo Banco Central. O Banque National e de Paris, 73,6 milhões de dólares. Em conjunto, bancos da Suíça e da Espanha deixaram de emprestar 120 milhões de dólares ao Brasil. Dos alemães, o Dresdner e o Suedamerikanische estão com, respectivamente 70 e 61 milhões de dólares abaixo do compromisso que o Banco Central afirma ter sido assumido.

O Commerzbank ainda não completou 6 milhões de dólares e o Deutsche outros 12 milhões.